OPINIÃO

António José Fialho

A quem nos deu a liberdade há 50 anos: Obrigado

Celebra-se hoje o Dia Internacional do Obrigado cujo objetivo é, simplesmente, agradecer a todos aqueles que fazem parte das nossas vidas e que nos ajudam e alegram, só por existirem.

Nesta data, em que o Tribunal Judicial da Comarca de Setúbal assinala o início das comemorações dos 50 anos do 25 de abril de 1974, o nosso agradecimento tem como destinatários todos os setubalenses, sesimbrenses, palmelenses, salacianos, grandolenses, santiaguenses e sinienses que, de uma forma ou de outra, contribuíram para o processo democrático iniciado em abril de 1974.

Foram muitas dezenas de militares, operários industriais e agrícolas, professores, juristas, agricultores, empresários, intelectuais, médicos, enfermeiros, comerciantes, aposentados, estudantes, jovens, mulheres e homens que sacrificaram o seu bem-estar e, nalguns casos, a própria vida, ou mesmo o bem-estar e a segurança das suas famílias para derrubar um regime que alimentava a guerra e a censura, perpetuava a pobreza, a miséria e o analfabetismo de boa parte da população ou perseguia aqueles cujo crime era apenas ter ideias diferentes.

Todos aqueles a quem dizemos OBRIGADO são um exemplo para as gerações atuais e futuras.

Para quem nasceu depois de abril de 1974, será difícil perceber como era viver num País amordaçado e sem esperança, envolvido numa guerra injusta travada a milhares de quilómetros de distância que levava o melhor dos nossos jovens ou obrigava outros ao exílio.

É difícil perceber como é que as mulheres não tinham plena igualdade perante a lei ou no acesso a determinados cargos públicos, como por exemplo ser juízas ou magistradas do Ministério Público e onde, contrariamente do que sucede hoje, a taxa de iliteracia ou de analfabetismo atingia principalmente as mulheres das quais cerca de trinta por cento não sabiam ler nem escrever.

É difícil perceber que não havia liberdade de expressão nem de imprensa, existindo aquilo que se designou como censura ou exame prévio que mais não era do que a mordaça do lápis azul para cortar o que não queriam ver divulgado, mas que, felizmente, muitos jornalistas torneavam, com imaginação.

É difícil perceber que não existiam direitos laborais, com a completa proscrição da luta de classes, o que levou a uma forte distorção do direito do trabalho, marcada pela imposição de sindicatos únicos, pela proibição da greve e pelo forte condicionamento da ação sindical, bem como pela inexistência de direitos laborais individuais, como os direitos parentais e o direito a um salário mínimo.

É difícil perceber que existiam tribunais plenários, de triste memória, os quais deram corpo ao chamado "fascismo de toga", onde os réus eram insultados e agredidos, mas também onde se destacaram ilustres advogados de defesa que, mesmo nesta qualidade, eles próprios também foram perseguidos, julgados e alguns presos ou deportados.

Cinquenta anos depois nem todos os objetivos de abril de 1974 estão cumpridos.

Longe disso.

Contudo, tal como dizemos OBRIGADO a quem tornou possível a democracia em Portugal, também afirmamos que é obrigação de todos nós, homens, mulheres e jovens, continuar a tarefa de tornar este País melhor, mais justo, mais solidário, mais humano, mais livre, sem amarras ou mordaças que nos impeçam de sonhar durante os próximos cinquenta anos.

Juiz Presidente do Tribunal Judicial da Comarca de Setúbal